



instituto de  
arquitetura e urbanismo  
usp são carlos

9,7

CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS VISANDO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE LIVRE-DOCENTE JUNTO AO INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - IAU DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, NOS TERMOS DO EDITAL ATAC-1/2018.

CANDIDATA: ANJA PRATSCHKE – PROVA ESCRITA

Ponto 8: Experimentação em Arte e Arquitetura a partir da década de 1960

Do objeto ao sistema

Nos anos 1960 teorias dos sistemas e cibernética tornaram-se aceitas como métodos válidos em muitas disciplinas, incluindo ciências sociais, arte e arquitetura. Atualmente observa-se um interesse renovado nas teorias, agora relacionadas a sistemas ecológicas, que explica o interesse no ecologista e ciberneticista Gregory Bateson, e seu livro Ecologia da mente.

Atrás do uso das teorias sistêmicas ou cibernética nos anos 1960 encontra-se o interesse de interligar tecnologia, ciências e artes visuais ou arquitetura, entendendo que a sociedade ocidental, segundo Jack Burnham ia mudar de uma sociedade orientada a objetos para uma sociedade orientada a sistemas. O artista e autor do texto manifesto: Estética sistêmica previa a substituição do artefato pela consciência de sistemas, baseando-se na teoria geral do sistema de Ludwig Bertalanffy. Para Burnham, a arte sistêmica não reside em entidades materiais, ela não é independente do seu contexto e deve ser entendida através de uma leitura conceitual. [Bijvoet, M., 1997] Reforça a temporalidade de definições e teorias intrinsecamente ligadas à cultura em qual se encontram. Burnham previu o surgimento de uma outra estética, resultante da sincronização de tecnologia e ciência com a produção criativa. Escreve Marga Bijvoet sobre o Manifesto de Burnham em 1997.

"[...] as preocupações artísticas com sistemas, processos, relações ecológicas e envolvimento linguístico filosófico da Arte Conceitual [...] lidam com as questões subjacentes, estruturas de comunicação ou troca de energia, por meio das quais a tecnologia da computação seria fundamental para redefinir toda a área de consciência estética." [Bijvoet, M., 1997]

A temporalidade e espacialidade altera o comportamento de expressões artísticas através de mecanismos internos e do ambiente. Que na época tecnicamente era muito difícil de realizar, se tornara na atualidade mais possível, como vamos ver mais para frente.

Anos 1960, o tempo de muitos manifestos

Os anos 1960 podem ser vistos com um momento de muitas revisões, provocados por conflitos e entendimentos de necessidades de revisão. Nessa época, vários manifestos foram

AP



instituto de  
arquitetura e urbanismo  
usp são carlos

publicados por coletivas artísticas e de arquitetura. Em 1966 foi fundado por Bill Kluver e Robert Rauschenberg o coletivo Experiência em Arte e Tecnologia, E.A.T, conhecido pelo projeto arquitetônico e artístico do pavilhão Pepsi Cola, que chamou muito atenção na Expo70 em Osaka por sua originalidade de conectar meios e conteúdos de forma interativa. A criação do coletivo tinha como objetivo de oferecer um clima construtivo para reconhecer o que chamarem a nova tecnologia [vídeo, computação], promovendo a colaboração entre diferentes áreas e grupos que até trabalhavam isoladamente. As instalações e os eventos propostos deveriam, segundo o coletivo E.A.T oferecer variedade, prazer, caminhos para exploração das mudanças culturais que ocorriam junto a introdução das tecnologias. A concepção do Pavilhão teve a contribuição de vinte artistas, engenheiros e cientistas, oferecendo além de uma experiência em um espaço de geometria complexa, experiências sonoras misturadas com experiências visuais.

Outro coletivo importante nesta época é Fluxus que existe até hoje. Fundado nos anos 1970 em Wiesbaden, cidade vizinha, onde cresci, por George Maciunas, reuniu temporariamente artistas com Joseph Beuys, Nam June Paik, Yoko Ono, para citar alguns.

Antisociedade, anticapitalista, é um coletivo informal de músicos, artistas plásticas e poetas. Os eventos ou happenings foram concebidos de forma efêmera e provocadora, gerando conflitos no espectador, chacoalhando definições convencionais sobre o que se entendia como arte. Fluxus não poderia existir sem expressões anteriores, como as composições de John Cage, Eric Satie, ancorado na tradição surrealista e situacionista. A publicação de um artigo em 1961 pela artista Fluxus Nam June Paik, refere-se à cibernética de Norbert Wiener e faz a conexão com as teorias de comunicação de Marshall McLuhan. No Brasil, entre 1959-1961 foi fundado o movimento Neoconcreto por artistas como Lygia Clark, Lygia Pape, Amílcar de Castro entre outras. A participação do artista Hélio Oiticica na segunda exposição coletiva provocou a reflexão sobre o não objeto que antecipa o manifesto de Burnham.

Em relação à arquitetura dos anos 1960, observamos uma mesma efervescência de revisões conceituais incluindo invenções e novos entendimentos em tecnologia, ciência, ciências sociais na produção arquitetônica. O arquiteto, designer, inventor norte-americano Buckminster Fuller é uma referência do uso de teorias sistêmicas nas propostas arquitetônicas, bem anteriores aos anos 1960. A publicação de um artigo nos anos 1960: a relevância da arquitetura para cibernética pelo ciberneticista e educador inglês Gordon Pask, evidenciava o papel sistêmico que o arquiteto empenhava em processos de projeto, se sendo o gestor de um processo em fluxo. Gordon Pask teve uma longa parceria com o arquiteto inglês Cedric Price, em propostas de projetos, que são referências até hoje em relação às propostas programáticas, como um espaço cultural, Fun Palace ou uma universidade descentralizada, Potteries Thinkbelt. O centro cultural e de eventos Fun Palace, por exemplo, preza pela simplicidade espacial, propondo um hall gigante metálico, com guias industriais para mover paredes e acessos, permitindo flexibilidade de configurações espaciais, para as diversas atividades que poderiam acontecer simultaneamente. O próprio local, uma periferia industrial questionava o lugar da cultura na sociedade. O projeto não foi construído, mas a proposta conceitual e programática servia como referência para a construção do Centre



instituto de  
arquitetura e urbanismo  
usp são carlos

Pompidou, citado por Renzo Piano e Richard Rogers nos finais dos anos 1970, que provocou um escândalo pela sua forma e materialidade industrial e a organização não convencional de atividades artísticas no bairro Les Halles, em Paris.

Anos 1990, espacialidade e temporalidade no contexto sistêmico

Estamos atualmente observando um interesse de recuperar as teorias e relacioná-las aos contextos contemporâneos. A publicação de um artigo em 2018 sublinha a importância da estética dos sistemas desenvolvida por Burnham. Para o filósofo inglês Peter Osborne, a teoria de Burnham é mais completa que narrativas que estão sendo usadas recorrentemente na área como a desmaterialização e o termo do campo expandido, reforçando os conceitos guias como a negação da objetividade material da arte, a necessidade de especificidade do meio, a importância da visualidade e da autonomia.

Em 1996, o sociólogo e ciberneticista alemão Niklas Luhmann publica o livro Arte como sistema social, onde introduz conceitos como distinção e auto referência cognitiva para a teoria social. Influenciado pelos biólogos e ciberneticistas chilenos H. Maturana e F. Varela, adota o conceito de autopoiesis e a co-evolução sistema-ambiente para ampliar o entendimento sobre um sistema ou objeto. Essa ampliação insere-se na cibernética da segunda ordem, que pode ser entendido com a observação da observação.

Ele usa o exemplo de um remédio e seus efeitos diretos e colaterais, para explicar que para entender as implicações e alterações através da experiência, precisa tomar em conta os subsistemas no seu contexto espacial e temporal. Essa concepção de leitura tem muita reverberação na atual revisão da produção artística e arquitetônica, permitindo posturas plurais não dogmáticas, situados no entendimento da natureza dinâmica da comunicação.

Reforçando o caráter temporal de qualquer sistema social, ele o descreve como um "veículo para a comunicação de significado, um sistema social está ligado a inerente instabilidade e futuridade do próprio significado." [Luhmann, N.].

Experimentações espaciais artísticas e arquitetônicas ligadas à temporalidade estão sendo produzidos nos últimos anos. Escolhendo o exemplo do artista Rafael Lozano Hemmer, que chama as experimentações de arquiteturas relacionais demonstra as potencialidades da abordagem sistêmica na concepção artística. Apoiado na teoria de Arte relacional proposta pelo teórico de arte francês Nicholas Bourriaud, reforça o caráter colaborativa na produção e o caráter participativo na exploração. O projeto Pulse está sendo desenvolvido pelo artista desde 1997, com várias edições em vários lugares, para verificar e refinar o sistema proposto de interação. O último chamado Pulse Corniche, instalado no Madison Square Park em Nova York em 2015, ocupa uma praça oval central, que está interconectado com uma matriz de sensores, que ao serem apertados pelos passantes, refletem a frequência cardíaca, que se transforma em sinais de luz. Essas luzes provocadas por dados individuais são somadas e geram na praça um anel de luz, mais ou menos intenso. Torna-se visível que é invisível para os outros, o batimento do coração, e no entendimento de Luhmann, fundamental como informação do subsistema. Várias são as explorações de tornar visível, que não é visível. A

AP



instituto de  
arquitetura e urbanismo  
usp são carlos

recente instalação no Sesc Avenida Paulista, coordenado pelo arquiteto brasileiro Guto Requena trata de um outro aspecto da visualização de que não é visível, mostrando os batimentos de coração para os que não estão participando na ação, externamente ao lugar, sendo uma forma de observação da observação, e deixando os que participam, usufruir da experiência de conectividade com os outros participantes, sem saber das informações sobre eles.

Produção de um sistema, ou a revisão da colaboração criativa.

O desinteresse em teorias de sistemas, que envolvia desafios tecnológicos, entendimentos científicos e sociológicos nos anos seguintes aos manifestos pode ser explicado pela falta de estruturas formativas e produtivas. A concepção do pavilhão Pepsi Cola nos anos 1970 envolvia 20 especialistas. Essa interdisciplinaridade não era comum neste momento, com poucas exceções, por exemplo, da fundação do Midia Lab, ou da Escola de Ulm, que durou pouco.

Um interessante exemplo contemporâneo de um processo complexo em arquitetura é a parede interativa Hypersurface sendo desenvolvida desde 2000, e coordenado pelo escritório Decoi. Essa parede, que inicialmente for prevista no hall de um teatro é ligado a um sistema de captação de som do ambiente, transformado em movimentos através de algoritmos, movimentava partes da parede, como se ela está dançando. O desenvolvimento, descrito pelo arquiteto foi de uma complexidade tecnológica assustador. Parcerias entre academia e mercado, permitiam a emergência de várias inovações tecnológicas, propondo um sistema retroativo, onde partes eram desenvolvidas por diferentes profissionais, especialistas cada um em sua área. O elemento Parede hoje é desmontável, pode ser produzido em diferentes tamanhos. O sistema de interação pode ser programado de forma a individualizar as interações da parede com os presentes no espaço e os passantes e ainda conta com uma equipe de apoio para montagem.

Somente no fim dos anos 1980 observa-se o surgimento de centros de produção e suporte criativos. Foi criado o ZKM, Zentrum fuer Kunst und Medien em 1989, Alemanha; o ISEA, Inter-Society for the Electronic Arts, 1990, Holanda; o Inter Communication Centre, 1990, Japão, para citar alguns. No Brasil o Instituto Itau Cultural, fundado em 1986 teve importante papel da difusão de Midia Arte e Arquitetura no Brasil, através do evento emoção.artificial, e de oferecimento de espaços de produção. A primeira vista híbridos, os centros são fundamentais para possibilitar a produção na cultura digital e contribuem para o entendimento sistêmico em arte e arquitetura através da disponibilidade tecnológica e de especialistas para dar conta da complexidade. Promover a colaboração interdisciplinar é fundamental para a concepção de sistemas complexos. A complexidade tecnológica e de infraestrutura obriga, como diz Manuel Castells, a reunião de cérebros.

Alja PDEVA